

Há momentos em que achamos difícil aceitar-nos a nós mesmos; momentos em que chegamos até a desejar que fôssemos outrem. Pelo menos existem algumas coisas em torno de nós que não podemos aceitar facilmente e que nos levam a aborrecer-nos e até a tornar-nos agressivos contra nós mesmos. Aceitar-nos e amar-nos como agora somos, constitui o primeiro passo na direção daquilo que gostaríamos de ser. E são costumeiramente nossas fraquezas, nossas faltas e nossos defeitos que achamos sobremodo difíceis de aceitar.

## Deus me aceita

Como pessoas de fé, temos a garantia da Bíblia de que Deus se encontra conosco exatamente onde nos encontramos. Ele não nos deixa ali; ele nos ajuda a ser melhores, mais felizes e verdadeiramente livres. Mas, antes disso, ele nos aceita graciosamente por meio de Jesus Cristo. Ainda que o pecado seja mau e cause separação entre nós e Deus, a obra de Jesus permite uma aproximação e comunhão, de modo que nossa fraqueza e propensão para o pecado não diminuam o amor do Senhor para conosco.

<sup>[15]</sup> Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti. <sup>[16]</sup> Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei [...] (Isaías 49.15-16).

Na maravilhosa parábola do pai misericordioso (Lucas 15.11-32), Jesus nos diz com que Deus se assemelha. Por um momento sequer o pai da parábola deixou de aceitar o filho pródigo. Ele amava o rapaz enquanto estava em casa, amou-o quando resolveu deixá-lo, amou-o enquanto estava distante e amou-o quando o filho retornou. Este é o nosso Deus, um Deus pronto a nos acolher exatamente como e onde nos encontramos.

Quando um amigo comete deliberadamente uma falta contra alguém, sempre existe a tentação de esse alguém se recusar a aceitá-lo. Judas traiu Jesus por causa de dinheiro, mesmo depois de ter privado de sua companhia durante anos. Apesar disso, antes da traição, no cenáculo, Jesus lhe lavou os pés (João 13.1-11) demonstrando a grande disposição do amor divino.

A Bíblia nos diz que quem vê Jesus, vê o Pai (João 12.45, 14.9). Aprendemos então que Deus é um Pai de perfeito amor, que me atende quando eu o busco com sincero arrependimento, mesmo quando falho terrivelmente.

Quando Jesus chegou a Jericó encontrou-se com Zaqueu, um pecador público. Ele era chefe da coletoria de impostos e homem rico e, por isso, malvisto pelo povo. Jesus, mesmo conhecendo a conduta inaceitável de Zaqueu, o intimou:

[...] Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa (Lucas 19.5).

Aquilo que os cristãos chamam de evangelho é a declaração de que Deus está disposto a ter comunhão conosco, independentemente do que tivermos feito, não importa quanto nos desviamos do caminho e divagamos. Ele nos aceita por meio de Jesus.

Lemos ainda sobre a aceitação demonstrada quando a prostituta se apresentou a uma refeição à qual Jesus fora convidado por um rico fariseu. A mulher derramou óleo perfumado nos pés de Jesus, e Jesus não recusou o gesto, apesar da falta dos outros hóspedes em não querer aceitar a mulher:

Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora (Lucas 7.39).

A experiência central de nossas vidas está no fato de que Deus nos escolhe e chama (vocaciona) graciosamente:

<sup>[26]</sup> Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; <sup>[27]</sup> pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; <sup>[28]</sup> e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são (1Coríntios 1.26-28).

E mais, “os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Romanos 11.29). Deus é sempre leal e plenamente acolhedor.

### Aceitando a mim mesmo

Se eu tenho ouvido a mim mesmo, se posso compreender-me, se posso identificar meus sentimentos e também meus reais valores — o meu eu real — posso aceitar a mim mesmo? Se não posso fazer isto, então há pouca esperança de que algum dia eu aceite outros. A agressão que gero contra meu eu real pela não aceitação vai desaguar nos outros. A não aceitação com que me apresento a mim mesmo entristece-me e deixa-me profundamente frustrado e isto não pode ser refreado por muito tempo; escapa da minha panela de pressão e o chiado chega aos outros.

Autoaceitação não é o mesmo que estar satisfeito comigo mesmo. Se um dia estiver plenamente satisfeito comigo, então terei cessado de crescer, terei parado de desenvolver-me como pessoa. A pessoa que goza de saúde espiritual nunca está completamente satisfeita com o lugar em que se acha. Ela está disposta a aceitar o fato de que ainda não cresceu em todo o seu potencial, de que nela ainda não se formou a verdadeira imagem de Cristo. Foi esta a impressão que Paulo teve de si mesmo e sobre sua comunidade cristã:

Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós (Gálatas 4.19).

Nesse sentido, temos de estar sempre crescendo. E isso começa com autoaceitação, com a aceitação que eu faço de mim mesmo onde agora me acho. A menos que eu aceite esse “eu agora”, não pode haver nada com que iniciar. Tudo isso exige muita paciência comigo mesmo, amor real a mim mesmo, amor ao meu eu real, ao ponto de desejar que este eu seja transformado pelo poder de Deus, que o pecado seja vencido e que novos sentimentos, valores, atitudes e comportamentos se imponham. Posso ser gentil comigo mesmo? Ser paciente comigo mesmo? Posso amar a mim mesmo na justa medida, com humildade?

O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece (1Coríntios 13.4).

Quantas vezes queremos crescimento rápido como café instantâneo; temos pressa em ser perfeitos. Ao invés disso, temos que reconhecer que a vida é jornada, conforme Paulo julgou que sua vida era:

<sup>[12]</sup> Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. <sup>[13]</sup> Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, <sup>[14]</sup> prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Filipenses 3.12-14).

Muitas vezes damos dois passos pra frente e um pra trás. Isso é assim porque a vida é muito mais processo do que realização definitivamente pronta. A aplicação prática do reinado de Deus em nós é algo que vai acontecendo gradativamente, conforme as palavras de Jesus:

[...] O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo (Mateus 13.31).

[...] O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado (Mateus 13.33).

Paulo fornece-nos uma senha muito útil quando diz:

Acolhei ao que é débil na fé [...] (Romanos 14.1).

Posso fazer isto para mim mesmo? Mesmo que eu não seja suficientemente forte, posso ainda receber-me, acolher-me de boa vontade onde eu me encontro agora, sem continuamente me degradar a mim mesmo? É muito importante aceitar-me a mim mesmo. Na verdade, o modo como amamos a nós mesmos define os parâmetros para amarmos ao próximo: “[...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo [...]” (Marcos 12.31).

Pare um instante e faça uma oração silenciosa, sobre esta parte do estudo.

## Aceitando os outros

Conforme temos visto, não é fácil ouvir a si próprio, quanto mais aos outros. Mesmo estar *disposto* a ouvir outra pessoa já é grande passo e a maioria de nós já teve a experiência de realmente ter sido ouvida e compreendida pelo menos por outra pessoa, talvez por algumas ou por muitas em diferentes graus. Este primeiro passo para amar outros é profundo, difícil, porém de vital importância. Sem ele, o amor é superficial, porque não amamos a verdadeira pessoa, enquanto não sentirmos com a verdadeira (real) pessoa. Estamos amando, então, apenas uma pessoa imaginária — uma pessoa desconhecida: um caso de equivocada identidade. Procuremos a pessoal real no marido ou esposa, no colega de trabalho ou no membro da igreja.

Para amar os outros é preciso pacientemente aceitá-los exatamente na situação em que se acham neste momento. Talvez eu gostasse que fossem mais livres ou amorosos, e talvez eles mesmos também gostassem disso. Talvez eles próprios se odeiem pelo que estão fazendo. Será que eu posso aceitá-los exatamente na situação em que se acham agora, apesar de sua conduta? Isto não quer dizer que irei deixá-los ali para sempre, que eles não têm nenhuma possibilidade de ajuda e esperança. Não, eu quero que cresçam no sentido da plena liberdade em Cristo. No entanto, a total aceitação deles como pessoas constitui o primeiro e vital passo para sua transformação. Quando aceito as pessoas exatamente como elas são, eu torno palpável o evangelho. Deus me pede que eu aja como ele faz, com relação aos outros — acolhedoramente:

Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai (Lucas 6.36).

Da mesma forma que as relações de nosso Pai Celestial, assim todas as nossas relações devem começar com mútua aceitação e respeito. Vejamos o que Paulo diz a propósito:

Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco (2Coríntios 1.12).

Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros (Romanos 12.10).

É importante que eu pergunte a mim mesmo se posso dar a esta pessoa — alcoólatra, viciado em drogas, homem desonesto, senhora indelicada, neurótico que se engana a si mesmo,

hipocondríaco manipulador, pessoa tremendamente escrupulosa ou vadio inveterado — “santidade e sinceridade de Deus”. Sem aceitar a conduta incorreta, desonesta, manipuladora ou imoral, posso eu seguir o mandamento de Deus de aceitar a pessoa?

Tu, porém, por que julgas teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus (Romanos 14.10).

Via de regra não é difícil ver o comportamento que está ofendendo os outros, pois a desonestidade às vezes pode ser óbvia, a bebedeira é facilmente discernível, e a indelicadeza com frequência pode ser vista com clareza, mas quem pode conhecer os valores que se acham profundamente entesourados, embora reprimidos (represados) no coração da pessoa? E quem conhece o estado emocional desta pessoa que pode estar se debatendo com uma herança muito defeituosa, ou com um desenvolvimento muito pobre? Uma paciente aceitação não é tão difícil, quando conhecemos a história inteira — e aí está porque Deus é tão pacientemente acolhedor e pede que também nós sejamos da mesma maneira. Por conseguinte, é questão de sermos tolerantes e, sob direção divina, de relevarmos as mútuas diferenças. Em Jesus temos um ideal não apenas de santidade, mas, também, de aceitação:

Ora, o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus (Romanos 15.5).

Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus (Romanos 15.7).

Sendo assim, um verdadeiro cristão nunca pode dizer a outro “eu te amo se...”. Deve sempre dizer: “Eu te amo como tu és”. Deus nos pede que transmitamos o seu amor incondicional.

## Reflexão

Depois que você tiver pensado e orado a respeito das três partes deste estudo, complete cada uma das sentenças a seguir. Não escreva o que você acha que os outros poderiam esperar, mas sim, seus próprios pensamentos e sentimentos, da maneira mais verdadeira e espontânea possível.

1. Quando li pela primeira vez este material, pensei ...
2. Quando orei sobre a parte “Deus me aceita” deste estudo, pensei ... e tive a sensação de que ... porque ...
3. Quando orei sobre a parte “Aceitando a mim mesmo”, fui levado a pensar que ... e a oração me fez sentir ... porque ...
4. As quatro qualidades que possuo, que acho que podem ser aceitas da maneira mais fácil são ...
5. Os sentimentos que gosto de muito de ter são ...
6. As quatro qualidades que acho poderem ser aceitas da maneira mais fácil, nos outros, são ...
7. As três coisas que mais adoro fazer são ...
8. As duas coisas que acho mais difíceis de aceitar são ...
9. Acho bastante difícil aceitar pessoas que são ...
10. O trecho da Escritura que mais me impressionou nestas páginas foi ... porque ...
11. O trecho da Escritura que mais me deixou constrangido foi ... porque ...

Depois que tiver relido os trechos da Escritura neste estudo, escreva uma oração em resposta àquilo que Deus disse a você.

### Para o líder

Este encontro tem como finalidade:

- Descobrir mais profundamente seus próprios valores e sentimentos.
- Descobrir e sentir como é que os outros sentem, e descobrir profundamente seus valores.

Consegue-se essa finalidade, fazendo *duas coisas*:

1. Compartilhando com os outros suas próprias respostas e ajudando-os a responder às suas perguntas.
2. Prestando atenção ao que os outros comunicam e fazendo-lhes perguntas. Isto ajudará você a compreender e a sentir com eles de maneira mais profunda. Estas perguntas os ajudarão, ao mesmo tempo, a esclarecer seus próprios valores e sentimentos.

### A reunião

1. Cada pessoa lê em voz alta a oração que escreveu no verso da página ou faz uma oração espontânea.
2. Por sua vez, pede-se que cada pessoa leia em voz alta suas sentenças completadas, fazendo uma pausa depois de cada uma e convidando os outros a fazerem perguntas sobre o que ouvirem. Estas perguntas demonstram interesse e preocupação recíprocas e revelam também a qualidade de escuta existente no grupo. Sem essas perguntas, a participação será superficial, não conseguirá aprofundar-se.
3. Depois que cada pessoa tiver completado a sua exposição, cada pessoa ora em favor daquele que estiver ao seu lado esquerdo.

Este estudo é uma adaptação do Rev. Misael Nascimento da obra de O'DONNEL, Desmond. *Como Criar Grupos de Vivência Fraternal*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 23-32.